

# ESQUEMAS IMAGÉTICO-CINESTÉSICOS E LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O REALISMO CORPORIFICADO

## KINESTHETIC IMAGE SCHEMAS AND LANGUAGE: PHILOSOPHICAL CONSIDERATIONS ON EMBODIED REALISM

João Paulo Rodrigues de Lima\*  
Ana Cristina Cunha da Silva\*\*

---

### RESUMO

A tradição filosófica cartesiana, por muitos anos, tem investigado a mente dissociada do corpo, em busca de um conhecimento objetivo. O presente artigo se propõe a fazer uma breve apresentação de aspectos filosóficos que contribuíram diretamente para a melhor compreensão da relação da estruturação mental com o corpo. O realismo corporificado (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1999) afirma que conceitos e estruturas mentais justificam a sua existência devido às experiências básicas com o corpo no mundo, permitindo que o conhecimento sobre a realidade seja fruto da ação sensório-motora nela. Após explorar alguns dos esquemas sugeridos por Johnson (1987), compreendemos que os esquemas imagéticos se apresentam como estruturas de natureza simples (por representarem as mais diversas experiências corpóreas básicas), gerais (por generalizarem as semelhantes experiências corporificadas) e conceituais (por se encontrarem na cognição humana, podendo ser usadas na interação discursiva) e, portanto, nos posicionamos favoráveis a esta visão corporificada da mente.

### PALAVRAS-CHAVE

Esquemas imagético-cinestésicos; realismo corporificado; imaginação.

### ABSTRACT

The Cartesian philosophical tradition, for many years, has investigated the mind dissociated from the body, in search of objective knowledge. The purpose of this article is to give a brief presentation of philosophical aspects that directly contributed to the better understanding of the relation of the mental structure with the body. The embodied realism (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999) states that concepts and mental structures justify their existence due to basic experiences with the body in the world, allowing knowledge about reality to be the result of sensory-motor actions in it. After exploring some of

---

\* Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [joao.rodrigues@uece.br](mailto:joao.rodrigues@uece.br)



\*\* Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: [cris\\_cunha@unilab.edu.br](mailto:cris_cunha@unilab.edu.br)

the schemes suggested by Johnson (1987), we understand that the imaging schemes present themselves as structures of a simple nature (representing the most diverse basic bodily experiences), general (by generalizing similar embodied experiences), and conceptual because they are found in human cognition and can be used during discourse interaction). Thus we are in favor of this embodied view of mind.

#### **KEYWORDS**

Imagery-kinesthetic schemes; embodied realism; imagination.

## **1 INTRODUÇÃO**

Tem sido característico da tradição filosófica ocidental, indagar sobre como as pessoas compreendem o mundo e fazem julgamentos sobre ele. O filósofo inglês John Locke (apud PERRY; BRATMAN, 1993), por exemplo, tentava dar respostas para este questionamento e concluiu que o homem racionaliza sobre o mundo através dos sentidos, isto é, sensações que são transmitidas neurologicamente ao cérebro, e por fim, à mente, formando os conceitos. Essas sensações são denominadas de qualidades secundárias, pois são derivadas de elementos originais do próprio mundo – qualidades primárias (tais como a temperatura, a cor, a cinética, a luminosidade etc.). O fato de estar quente ou frio, escuro ou claro, doce ou azedo, por exemplo, são derivações de elementos pertencentes ao mundo, portanto são sensações (qualidades secundárias), e isso produz ideias na mente. O que realmente é do objeto é a temperatura, a luminosidade e o sabor, respectivamente, logo estas são as qualidades primárias, próprias e originais do mundo. Assim, a percepção através do corpo parece ser, efetivamente, um meio para conhecer o que existe ao redor, e o conhecimento não se torna objetivo, mas experiencial.

Basear o conhecimento do mundo nas sensações não parece confiável, já que as sensações são relativas às experiências no/com o mundo. Porém, é impossível tornar a mente abstrata a um nível que seja independente do corpo (como Descartes propunha), pois qualquer que seja o conhecimento que se tenha, este já foi de alguma forma influenciado pelas vivências neste mundo. A mente não existe sem o corpo e o contrário também é verdadeiro. Há uma relação de dependência entre mente e corpo de modo que os conceitos são como são devido à ação do sistema sensório-motor no mundo. Por exemplo, têm-se as noções de lados (direita e esquerda) e de frente e trás, porque o formato do corpo permite estas orientações. Se o corpo fosse completamente esférico, seria impossível falar ou pensar sobre lados. E estas noções são projetadas para outros elementos no mundo, como por exemplo, prédios, casas, carros, no quais se é possível falar sobre a frente destes, ou dizer o que se encontra atrás destas coisas. Outro exemplo são as noções de superior e inferior, pois o corpo possui partes que estão distribuídas em níveis. Logo, os conceitos são motivados pela forma, distribuição e funcionamento corpóreo.

Diferentemente da concepção abordada por Locke, de um mundo externo pronto para ser somente percebido, o experiencialismo<sup>1</sup> (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999) interpreta o mundo como algo que especifica e pode ser especificado pelo ser humano, através das interações deste com o mundo. A ideia de interação sugere muito mais do que só a percepção, mas também a ação efetiva no, com e do mundo para a elaboração de conceitos. Logo, o conhecimento é essencialmente experiencial e, conseqüentemente, categórico.

Nessa perspectiva, este artigo objetiva realizar uma breve apresentação de aspectos filosóficos do realismo corporificado, ressaltando a relação entre mente e corpo, e como esta relação atua em favor da compreensão da realidade.

## **2 CATEGORIZAÇÃO À LUZ DO EXPERIENCIALISMO**

Nesta seção, discutiremos sobre como categorizamos a realidade, que é operação essencial para organizar o conhecimento. Quando se diz, por exemplo, que o céu é azul, ou que o morango é vermelho, tais designações são conceitos resultantes das vivências do corpo com o mundo, pois as cores não estão nas coisas, mas as nossas composições ocular e neural nos permitem atribuir cores às coisas. A nossa experiência com cores é resultado de uma combinação de fatores: as ondas de luz refletidas, as condições luminosas, e dois aspectos corporais: (1) os três tipos de cones de cor nas retinas, que absorvem as ondas longas, médias e curtas de luz e (2) o complexo circuito neural conectado a estes cones. Basta mudar as condições luminosas, por exemplo, para que o nosso aparato corpóreo processe de modo diferente a cor de alguns objetos. Por exemplo, sob a luz fluorescente, a banana reflete ondas luminosas que são processadas neuralmente como um objeto amarelo ou verde, mas sob a luz ultravioleta, a banana reflete ondas processadas em um tom azulado. Com isso, pode-se até afirmar que a percepção e o corpo se enganam, e, assim, tender a invalidar a busca pelo conhecimento através das experiências. Porém, não existe conhecimento puro, sem ter sido influenciado por perspectiva ou experiência alguma. De fato, o conhecimento já é resultado de outro conhecimento.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), as cores e as sensações sobre o mundo são somente a ponta do iceberg, já que não existem qualidades primárias, no sentido exposto por Locke (apud PERRY; BRATMAN, 1993), pois a qualidade das coisas depende crucialmente da estrutura neural, da interação com o corpo e dos propósitos e interesses das experiências com o mundo. O que existe é o realismo corporificado, ou seja, a realidade que conhecemos depende estritamente das nossas interações e vivências com o corpo.

De acordo com Cuenca e Hilfert (1999), o homem lida com os mais variados conhecimentos devido à sua capacidade de categorizar experiências. Ainda de acordo com os autores, a categorização é um mecanismo de organização que resulta da

---

<sup>1</sup> Também chamado pelos autores de realismo corporificado.

apreensão da realidade, que possui, por sua vez, várias formas. Ou seja, trata-se de um processo mental de classificação e organização do conhecimento em três níveis: superordenado (baseado nos atributos gerais e comuns aos elementos das categorias); subordinado (baseado nos atributos diferentes e detalhados dos elementos das categorias - mais informativo -) e básico (com exemplares mais facilmente discrimináveis e percebidos). Entendamos os níveis de categorização da seguinte maneira, por exemplo: móvel (superordenado); cadeira (básico); e poltrona, cadeira de balanço, banco (subordinado).

Lakoff e Johnson (1999), baseados em Rosch (1978), afirmam que conceitualizamos em categorias de nível básico por ser este o nível: (a) no qual uma imagem mental pode representar a categoria inteira; (b) no qual os membros da categoria têm suas formas mais facilmente percebidas; (c) no qual uma pessoa usa ações motoras similares para interagir com os membros da categoria; e (d) no qual a maior parte do conhecimento está organizada.

A categorização em nível básico não se dá somente para objetos, mas também para ações como nadar, andar, subir, pegar; para conceitos sociais, como família, clubes e times; e para emoções, como felicidade, raiva, rancor, tristeza etc.

Portanto, as ações no mundo através do corpo possibilitam a compreensão da realidade, realizando a ligação entre ideias e mundo, e favorecendo a emergência de conceitos, pelo menos, necessários para a sobrevivência humana. Diferente de um realismo metafísico, este é um realismo corporificado, onde o corpo contribui para o entendimento do que é real.

O realismo metafísico, ou o realismo descorporificado (LAKOFF; JOHNSON, 1999), é classicamente pautado nas seguintes condições: (1) há um mundo independente da compreensão humana; (2) é possível atingir conhecimento estável do mundo; e (3) os conceitos e a razão não são definidos a partir do corpo e do cérebro humanos, mas pelo próprio mundo externo em si mesmo. Logo, as verdades científicas são absolutas.

Em síntese, o realismo corporificado consegue abranger as duas primeiras condições: existe um mundo externo, mas que está passível de ser compreendido através da interação dos indivíduos que nele habitam por meio da sua constituição biológica. E, é devido a isto, que é possível atingir um conhecimento relativamente estável do mundo. Os seres humanos possuem um nível de interação com a realidade capaz de desenvolver sistemas conceituais baseados em categorias de nível básico, como já foi exposto, através da percepção gestáltica, da ativação neural, da conceitualização imagética e da interação motora. Talvez, a maior falha do realismo metafísico tenha sido não perceber que, “em primeiro lugar, como criaturas corporificadas e imaginativas, *nós nunca estivemos separados ou divorciados da realidade*. O que sempre tem tornado a ciência possível é a nossa corporeidade, não a nossa transcendência, e a nossa imaginação, não a negação dela” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 93).

### 3 RAZÃO E IMAGINAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO REALISMO METAFÍSICO

Nesta seção, faremos considerações sobre os pensamentos de Immanuel Kant (1965) e o realismo metafísico baseados em Johnson (1987), ressaltando a sua contribuição para o realismo corporificado.

A conciliação entre entendimento, razão e imaginação é um dos focos do realismo corporificado, tendo estes elementos sido discutidos separadamente pelo realismo metafísico proposto por Kant (1965), por exemplo, trazendo contribuições significativas para a visão experientialista. O problema da conciliação se refere resumidamente a como as experiências se transformam em conceitos de modo que possam ser reproduzidos em contextos similares e/ou diversos. De início, apoia-se aqui a visão de que toda experiência e compreensão desta envolve a imaginação, que organiza representações e constitui a unidade temporal de consciência, isto é, a imaginação alimenta a racionalização, pois é possível significar as experiências, e compreendê-las de forma unificada e coerente. Portanto, em acordo com o realismo corporificado, a imaginação é o eixo de um *continuum* entre dois polos: a razão e a percepção (o entendimento e a sensação). É devido à capacidade imaginativa que se torna possível perceber o mundo e racionalizar sobre ele.

Kant (1965) não chega a esse ponto em suas reflexões, pois evita tratar da influência do corpo no desenvolvimento de conceitos. No entanto, procura averiguar as operações mentais envolvidas na produção de julgamentos (conhecimento) universais sobre as experiências. Sua sugestão para o conhecimento objetivo é de que toda experiência envolve: (1) algum conteúdo perceptual associado aos sentidos; e (2) estruturas mentais para organizar e tornar a realidade compreensível. Ou seja, todo conhecimento é sobre julgamentos em que as representações mentais (sentidos, imagens e até conceitos) estão unificadas e ordenadas sob representações mais gerais. Segundo Kant (1965), a imaginação é exatamente a capacidade de sintetizar estas representações em julgamentos da realidade, gerando o conhecimento. Esta é a imaginação reprodutiva, assim denominada por Kant (1965).

No entanto, outro problema se apresenta aqui. Se as pessoas percebem e formulam conceitos sobre o mundo a partir dessa imaginação reprodutiva, não fica claro como todas as pessoas conseguem compartilhar seus conceitos sobre o mundo, já que cada um o percebe à sua maneira. Dessa forma, os conceitos seriam diversos, muito embora, de fato, compartilhemos conceitos sobre a realidade. Não estaríamos presos às nossas experiências subjetivas, de acordo com Kant (1965)? Como, então, isso seria possível?

O filósofo explica que as operações imaginativas são as mesmas para todas as pessoas. Ou seja, o homem tem esta capacidade de operar imaginativamente que, por mais diversas que sejam as sensações sobre o mundo, transformara as percepções do mundo em conceitos comuns a todos, pois a atividade imaginativa é algo próprio do ser humano, sintetizando os sentidos, as imagens mentais e os conceitos.

A atividade imaginativa, também tratada por Kant (1965) como esquema, é parcialmente abstrata e intelectual, como também sensória. Funciona como uma ponte entre o conceitual e o imagético, de um lado, e as experiências perceptuais, do outro. Ou seja, é a sintetização da realidade em conceitos e imagens mentais. O esquema seria, assim, um procedimento da imaginação para produzir imagens e ordenar representações.

Kant (1965) viu corretamente que a habilidade humana de perceber e compreender o mundo está relacionada a estruturas esquemáticas. No entanto, a pergunta que surge é como a imaginação pode ser ora restrita e controlada por regras, ora livre destas regras, se em todo momento racionalizamos sobre o mundo? Ou ainda, como a imaginação pode ser ora transcendental e ora experiencial? A saída parece ser a compreensão da imaginação como um eixo participativo para a elaboração do conhecimento sobre o mundo. Um eixo que liga dois polos: a razão e a percepção. Estes não são mais dicotômicos. Os dois elementos, por meio da imaginação, são necessários para a construção do conhecimento, que pode ser mais sensório do que racional, ou mais racional que sensório, porém, sempre terá o teor de um dos dois. Assim, não há mais o vazio entre sensório e conceitual. Não há mais uma razão transcendental. Há a razão que está nos sentidos através da atividade imaginativa. Certamente, a proposta de Kant (1965) diverge desta ideia, pois ele reforça a dicotomia entre estes elementos, favorecendo a razão metafísica, para que o conhecimento seja objetivo. Contudo, o problema já discutido permanece: como pode a imaginação ser formal e material, racional e corporificada ao mesmo tempo? Simplesmente, parece não haver tal separação, em primeiro lugar, pois não há imaginação sem corpo, então não há como excluir a imaginação corporificada da razão, já que, de acordo com Johnson (1987, p. 168):

a imaginação é uma atividade estruturante difusiva pela qual atingimos representações coerentes, padronizadas e unificadas. É indispensável para nossa habilidade de fazer as experiências terem sentido, de dar significado a elas. A conclusão deve ser, portanto, que a imaginação é absolutamente central para a racionalidade humana, isto é, para a capacidade racional de realizar conexões significativas, fazer inferências, e resolver problemas.

Razão e imaginação são entendidas, então, como uma única coisa. Assim, a racionalidade não é tão estritamente algorítmica como se pensava, já que não há separação entre ela e a imaginação corporificada.

Por isso, o realismo corporificado se apresenta como uma nova teoria da imaginação, a qual sustenta a ideia de um pensamento criativo devido a esquemas imagético-cinestésicos, metáforas e metonímias, que estruturam as representações conceituais. Por exemplo, o esquema de caminho estrutura diversos movimentos físicos que, quando metaforicamente elaborados, criam estruturas para expressar conceitos abstratos. As ideias defendidas pelo realismo corporificado são resultantes de um sistema de conexões, fruto de uma rede de estruturas imaginativas.

## 4 ESQUEMAS IMAGÉTICO-CINESTÉSICOS

Vale ressaltar novamente que foi Kant (1965) que observou mais claramente os esquemas como ponto crucial do conhecimento. Para ele, os esquemas se diferenciam das imagens mentais, pois estas serão sempre de algo em particular e podem não compartilhar dos mesmos traços com outras coisas do mesmo tipo. Por isso, elas podem ou não ser associadas de volta ao objeto real. Os esquemas, por sua vez, contêm características estruturais comuns a diferentes objetos, eventos, atividades e ações corpóreas. Johnson (1987, p. 28) afirma que:

Esquemas de imagem existem em todos os níveis de generalização e abstração que lhes permitem servir repetidamente como padrões identificadores em um número indefinidamente amplo de experiências, percepções e formações de imagens para objetos e eventos que são similarmente estruturados em aspectos relevantes. Sua característica mais importante é que eles têm poucos elementos ou componentes básicos que estão relacionados por estruturas definidas, ainda assim tendo certa flexibilidade. Como resultado desta estrutura simples, eles são meios principais para obter ordem em nossa experiência para que possamos compreendê-la e raciocinar sobre a mesma.

A proposta de Johnson (1987) corrobora com a de Kant (1965) no sentido de o esquema possuir características que o torne, ao mesmo tempo, generalizante e simples em relação às diversas experiências no mundo. Todavia, as propostas se diferenciam quando Kant (1965) entende o esquema como procedimentos que geram imagens para adequar conceitos. Para Johnson (1987), o esquema é mais dinâmico, ou seja, não são estruturas esqueléticas prontas para serem preenchidas pelas experiências e gerar imagens mentais, ou um receptáculo onde são depositadas as vivências. Trata-se de estruturas maleáveis, que podem se ajustar a situações similares, ainda assim diferentes, que manifestem uma estrutura subjacente recorrente. Desta forma, tais estruturas podem abranger um amplo número de instanciações em contextos variados, tornando as experiências organizadas e significativas.

Ainda nesta perspectiva dinâmica, Neisser (1976) define esquemas corpóreos com base no sensório-motor, onde as informações aceitas pelo esquema são transformadas, assim como também alteram o próprio esquema de tal forma que ocorre repetidamente:

Um esquema é aquela porção do ciclo perceptual inteiro, que é interno ao percebedor, modificável pela experiência e, de alguma forma, específico ao que está sendo percebido. O esquema aceita informação assim como se torna disponível nas superfícies sensoriais e é mudado por esta informação; ele dirige movimentos e atividades exploratórias que tornam mais informações disponíveis, pelas quais é adicionalmente modificado. (NEISSER, 1976, p. 54).

O que Neisser (1976) trata como informações, podemos chamar de experiências, e, ainda mais especificamente, como experiências corpóreas. Logo, vivências com o corpo resistindo ao ar, quando se está correndo, por exemplo, ou de locomoção do corpo para algum destino, ou de mover algum objeto, são constantes e tão básicas que se

estendem a todos os indivíduos, resultando em esquemas básicos de imagem e movimento em nossa cognição, conforme a citação abaixo:

O subjetivo das pessoas, as experiências sentidas de seus corpos em ação, provê parte dos fundamentos para a linguagem e pensamento. A cognição é o que ocorre quando o corpo se associa ao mundo físico e cultural, e deve ser estudada nos termos da interação dinâmica entre as pessoas e o ambiente. A linguagem humana e o pensamento emergem de padrões recorrentes de atividades corpóreas que restringem o comportamento inteligente em ação[;] [portanto] nós devemos ... procurar os aspectos gerais e detalhados por meio dos quais a linguagem e o pensamento são inextricavelmente formados pela ação corpórea. (GIBBS, 2006, p. 9)

Assim, isto sugere uma explicação de por que as pessoas entendem e produzem sentenças como "Meu coração arde de tanto ódio que vou explodir" ou "Coloque suas ideias para fora". Estas sentenças claramente refletem as imagens presentes no pensamento, podendo ser talvez traduzidas como: RAIVA É UM FLUIDO QUENTE PRESSURIZADO e CORPO É RECIPIENTE, respectivamente (GIBBS, 2003). Nesse caso, o indivíduo experiencia o próprio corpo como um recipiente. O ser humano não percebe isto ao enunciar tais frases. No entanto, esses processos ocorrem mentalmente devido a estruturas esquemáticas construídas na cognição, podendo ser usadas em situações similares.

Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999), dentre outros autores, enumeram alguns esquemas. Não há um consenso entre os autores sobre o número e os tipos de esquemas existentes. Alguns apresentam tipologia semelhante e outros são abordados de forma bem diferente na literatura. Dessa forma, exploraremos, nas subseções abaixo, alguns dos esquemas sugeridos por Johnson (1987), já que se mostram comuns às referências anteriormente citadas, além de possuírem coerência teórica com as abordagens teóricas da metáfora primária (GRADY 1997, 2005; NARAYANAN, 1997) e conceitual.

#### **4.1 RECIPIENTE E CHEIO-VAZIO**

O corpo humano experiencia tanto ser um recipiente como também estar dentro de um. Este esquema define a distinção mais básica de, por exemplo, dentro e fora. Inúmeras são as experiências diárias de interioridade e exterioridade com o corpo: inspirar e expirar; estar dentro de um quarto ou fora deste; ingerir e expelir fluídos etc. Daí algumas expressões são elaboradas, usando elementos estruturais que se referem a limites, interioridade e exterioridade. Por exemplo, em um texto, é possível ler expressões que situam o assunto "dentro" de parágrafos ou frases; "no próximo parágrafo"; "nesta seção" etc. Outro exemplo é quando as pessoas falam de eventos como um recipiente no qual costuma-se afirmar que: "é preciso sair desta situação", "em que problema eu me meti?" etc. O abstrato é, assim, expresso por meio de noções básicas e concretas.

As experiências frequentemente não estão direcionadas somente para um esquema específico. Muitas vezes, mais de um esquema se encontra em ação para racionalizar os eventos (DEWELL, 1994; 1997). É o caso do esquema CHEIO-VAZIO que

precisa do esquema RECIPIENTE para que possa fazer sentido. O esquema RECIPIENTE se refere muito mais à marcação de limites e à relação do conteúdo com esses limites (se está dentro ou fora). O esquema CHEIO-VAZIO complementa a noção de RECIPIENTE, pois indica se este está com a sua capacidade interior totalmente preenchida ou não, isto é, o foco do esquema está para o espaço interno do recipiente. Quando se diz, por exemplo, que RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE PRESSURIZADO, a noção não se refere somente a um conteúdo (RAIVA) dentro de um recipiente. Refere-se, igualmente, ao fato de ao se encontrar pressurizado, o recipiente atingiu sua capacidade interna máxima, de modo que pode romper o limite.

#### **4.2 CAMINHO (ORIGEM-PERCURSO-META) E CICLO**

O corpo constantemente se locomove. Sai de um determinado ponto em direção a um destino. Frequentemente, falamos sobre nossas vivências em termos de origem, percurso, direção e destino, o que sugere a participação deste esquema. Por exemplo, é possível ouvir pessoas em palestras usando expressões como, "vamos para o próximo tópico"; "seguindo a diante"; "vamos pular esta sessão" etc. Ao falar de objetivos e propósitos, é comum identificar expressões como "chegar ao objetivo final"; "não se desvie de seus propósitos"; "continue a jornada até atingir as suas metas" etc.

Pessoas falam de AMOR como se fosse uma jornada que pode ou não apresentar obstáculos de acordo com os exemplos que se seguem: "chegamos a uma encruzilhada na nossa relação"; "o nosso casamento não está indo para lugar algum" etc. Esse esquema indica que há: (a) um trajetor que se move; (b) um ponto inicial (origem); (c) um destino escolhido pelo trajetor; (d) um caminho entre a origem e o destino; (e) a trajetória percorrida; (f) a posição do trajetor em determinado momento; (g) a direção que o trajetor segue em determinado momento; (h) o destino final alcançado em determinado momento, que pode ou não ser o destino intencionado pelo trajetor.

De acordo com Johnson (1987), este esquema é uma das estruturas mais comuns que emerge do nosso constante funcionamento corpóreo, além de ser o esquema que responde a todas as qualificações necessárias para servir de domínio fonte nas elaborações metafóricas. Trata-se de um esquema ubíquo na experiência humana, bem compreendido por ser comum, bem estruturado (elementos bem definidos - origem, percurso, destino, trajetor, movimento) e simplificada e estruturada. Por isso, a correlação deste esquema com outros conceitos se torna propícia, como por exemplo, entender que PROPÓSITOS SÃO DESTINOS FÍSICOS nas seguintes afirmações: "Ainda tenho um caminho longo para conseguir o meu PhD"; "Ela desviou-se de seus reais propósitos", etc.

Os pontos iniciais e finais do esquema CAMINHO podem também ser observados como recipientes, já que as experiências de locomoção demonstram que o corpo se movimenta de um recipiente para outro. Ou seja, os espaços físicos são interpretados

como *containers*, o que aponta mais uma vez para a superposição de esquemas a fim de compreender a realidade.

O esquema CICLO se apoia nas proposições do esquema CAMINHO. A única peculiaridade que ele apresenta é o fato de seu ponto inicial coincidir com o destino, isto é, trata-se de um movimento circular do trajetor.

### **4.3 FORÇA E ATRAÇÃO**

O esquema FORÇA é um dos mais básicos, portanto, universais. Todo corpo experimenta uma ação de força sobre si ou que deriva de si mesmo. O corpo humano, por exemplo, possui força propulsora que causa o movimento. Esta força exerce uma contra força conhecida como atrito, em relação à Terra. Forças externas também atuam sobre o corpo humano, como a gravidade (atração) e a pressão do ar. Desta forma, a experiência do corpo com a força gera estruturas esquemáticas capazes de se adequarem a conceitos diversos. Por exemplo, quando pessoas falam de problemas como uma pressão, trata-se de vivência física correlacionada a um estado psicológico.

Outra situação é quando pessoas se sentem atraídas por outras, no sentido de haver um interesse em conhecer e se relacionar com os outros. Percebe-se aí que a experiência física da atração, na qual um corpo exerce uma força maior sobre outro, puxa esse outro corpo para perto de si.

Reação ou contraforça é outra estrutura da força associada a conceitos abstratos, encontrados em afirmações tais como: "é preciso reagir contra essa depressão"; "a greve é um movimento que reage contra os interesses do governo", etc. A reação é a experiência que se têm através do confronto de forças opostas.

### **4.4 EQUILÍBRIO**

O esquema EQUILÍBRIO consiste em um eixo sustentado por vetores de força distribuídos simetricamente. Se o esquema pudesse ser diagramado como um eixo que sofre influência de duas forças em cada lado, seria necessário observar que não é o peso de algum objeto sobre o eixo que mantém o equilíbrio, mas a posição das forças sobre o eixo. Se o lado esquerdo exercesse uma força mais intensa sobre o eixo do que o lado direito, o equilíbrio poderia ser alcançado movendo a força esquerda mais para o centro do eixo, por exemplo.

A experiência corpórea com o equilíbrio é constante. Por exemplo, para que o corpo se coloque de pé, é necessário um equilíbrio de vetores sobre todos os lados desse corpo para que ele possa permanecer em posição vertical. Internamente, os órgãos do corpo também trabalham em equilíbrio, pois ocorre uma administração de forças para que executem as suas funções adequadamente, como a expansão dos pulmões e a contração do diafragma, por exemplo, durante a respiração.

O conceito de equilíbrio físico pode ser associado a fatores psicológicos, por exemplo. É comum ouvir termos como "desequilíbrio mental ou emocional" e "o

psicológico está abalado", demonstrando, com isso, a ausência de simetria nas forças que supostamente sustentam as emoções e as ideias.

O esquema EQUILÍBRIO favorece o conceito de sustentação, relacionando a influência dos vetores de força sobre determinado corpo que possui uma base. Assim como o corpo humano, possui os pés e pernas como base, e outros objetos apresentam alguma base estrutural. Nesse sentido, é comum a expressão de conceitos relativos à necessidade de sustentação em algo, como os que encontramos nas seguintes afirmações, por exemplo: "Esta noção está baseada em Platão"; "Esta teoria não se sustentará por muito tempo"; "As minhas convicções são firmes" etc.

#### **4.5 ESCALA E ESQUEMAS ORIENTACIONAIS (VERTICAL/HORIZONTAL E FRENTE/TRÁS)**

É comum ouvir sentenças como "o índice de criminalidade está subindo"; "a qualidade de vida tem caído"; "os juros sobem junto com os preços", etc. Isto sugere que experiências do cotidiano estão norteadas pela metáfora MAIS É PARA CIMA, a qual é estruturada pelo esquema ESCALA, onde níveis mais altos indicam maior quantidade, e níveis mais baixos, menor quantidade. A correlação experiencial pode ser atribuída a algumas vivências específicas, como o fato do corpo crescer para cima; uma pilha de livros, por exemplo, aumentar para cima; e até mesmo o nível da água em um copo descer quando a quantidade de água também reduz.

O esquema de escala parece ser o esquema CAMINHO modificado, onde as direções são específicas (para cima ou para baixo), tendo níveis como referência. Vale ressaltar que por mais que a escala seja graficamente representada horizontalmente, as pessoas conceitualizam e falam da escala de modo vertical tal qual nos demonstram os exemplos que se seguem: "subir a escala" e "descer a escala". Geralmente, o que é mais está representado pelo lado direito, e o menos, pelo lado esquerdo da escala horizontal, como em uma escala numérica.

### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O corpo possibilita posicionamentos verticais e horizontais, além de permitir projeções orientacionais de frente e trás. Caminha-se, por exemplo, para frente e interage-se com as pessoas frente a frente. A frente do corpo é mais saliente do que as costas. Consequentemente, o que está atrás não é tão saliente, o que está atrás está escondido. Essas noções são importantes para conceitualizar o tempo, por exemplo. Aquilo, que ainda podemos esperar, está à frente. Por outro lado, o que já passou não é mais tão saliente e, por isso, não projeta expectativas. Logo fica para trás. Projetamos nossas orientações corpóreas para o mundo para que se torne possível falar sobre ele, por exemplo, quando dizemos que há um gato atrás da árvore. Ora, árvores não possuem frente nem trás, como é possível dizer que o gato não está à frente, mas atrás? Essa capacidade de entender e descrever o mundo desta forma só se justifica pelo fato de

termos o corpo que temos, daí expressarmos nossas ideias através da linguagem corporificada.

As estruturas mentais não são arbitrárias ou já nascem prontas. São motivadas e construídas socialmente através das vivências situadas com o corpo, as quais são tão básicas que todo ser humano já as experimentou, ou pelo menos um amplo número delas. Os esquemas imagéticos revelam importante evidência de que o pensamento abstrato, mas não transcendental, é uma questão de: (a) a razão ser baseada na experiência corpórea, (LAKOFF, 1987), e de (b) a figuratividade da linguagem ativar conceitos concretos para expressar o abstrato.

Em geral, três características são fundamentais aos esquemas: simples, gerais e conceituais. São simples, porque representam as mais diversas e ricas experiências corpóreas de forma prática e simplificada. São gerais, porque tendem a generalizar sobre as experiências corporificadas semelhantes. No esquema RECIPIENTE, por exemplo, o corpo humano experimenta tanto ser o recipiente com relação ao ar como também o conteúdo, quando está situado em um cômodo de uma casa. De acordo com Grady (1997), a generalização de experiências em esquemas simples (não detalhados) se dá a partir da percepção de que diferentes objetos dos mais variados tipos, por exemplo, tanto podem conter como estar contidos em outros. É um mesmo esquema para duas experiências diferentes, mas ao mesmo tempo parecidas. Por fim, são conceituais, pois as representações esquemáticas estão na cognição humana, podendo ser ativadas para a interação discursiva.

Isso posto, nosso posicionamento se direciona a favor de uma mente corporificada. Nossos conceitos e categorizações sobre o mundo revelam que eles não são elaborados aleatoriamente ou acidentalmente, mas possuem relação com a nossa composição corpórea e de como interagimos com o mundo (experiências). Portanto, como afirma Lakoff (1987), não podemos acreditar em um conhecimento somente baseado em algo como “a visão do olho de Deus”, como um conhecimento totalmente observador de um mundo externo, mas nossos conceitos sobre a realidade são fundamentados nas nossas experiências com a mesma, e quando falamos do mundo, nossa linguagem denuncia nossos conceitos de base experiencial corpórea.

## REFERÊNCIAS

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona, 1999.

DEWELL, Robert. B. Over again: image-schema transformations in semantic analysis. *Cognitive linguistics*, v. 5, p. 351-380, 1994.

\_\_\_\_\_. Construal transformations: internal and external viewpoints in interpreting containment. In: VERSPOOR, Marjolijn; LEE, Kee Dong; SWEETSER, Eve. (Orgs.). *Lexical*

*and syntactical constructions and the construction of meaning*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997, p. 17-32.

GIBBS, Raymond. Embodied experience and linguistic meaning. *Brain and language*, n. 84, p. 1-15, 2003.

\_\_\_\_\_. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997, 307 f. PhD Dissertation - Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

\_\_\_\_\_. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. *Journal of pragmatics*, n. 37, p. 1595-1614, 2005.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

KANT, Immanuel. *Critique of pure reason*. Tradução de Norman Kemp Smith. New York: St. Martin's, 1965.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. what categories reveal about the human mind. The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. NY: Basic Books, 1999.

PERRY, John; BRATMAN, Michael. *Introduction to philosophy: classical and contemporary readings*, Oxford University Press, 1993.

NARAYANAN, Sрни. *Embodiment in language understanding: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions*. 1997. PhD dissertation - Department of Computer Science Division, University of California, Berkeley, 1997.

NEISSER, Ulric. *Cognition and reality*. San Francisco: W. H. Freeman, 1976.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LOYD, Barbara B. (Orgs.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978. p. 27-48.